



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**PRESENTES E INVISÍVEIS...
TAMBÉM NA LITERATURA – EM BUSCA DO KARDECISTAS
NA MEMÓRIA HISTÓRICA DE PARINTINS (AM)**

GT 1: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE ÉTNICO-RELIGIOSA NA AMAZÔNIA...

Ian Carlos dos Reis Souza¹

¹ Acadêmico no curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e pesquisador/bolsista pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica e Tecnológica (PAIC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM). E-mail: reisyancarlos@gmail.com.

O texto apresentado é uma versão expandida do que foi apresentado durante o I Simpósio Norte da ABHR. Na ocasião, discutimos mais pontualmente como a presença dos Kardecistas em Parintins não está contemplada na memória/ história oficial local. Aqui o texto toca outras questões e corresponde mais diretamente ao que foi apresentado como TCC para a licenciatura em História no CES/ UEA, que teve como título “Presentes e invisíveis: os Kardecistas em Parintins e a trajetória do Centro Espírita Anna Prado.

Introdução

O município de Parintins é conhecido por ser a sede da Diocese do Baixo Amazonas, e ter em sua trajetória histórica uma relação bem forte com a Igreja Católica, isso influenciou também na historiografia construída, pois as obras que foram feitas referentes a História de Parintins sempre tiveram como eixo a participação da Igreja Católica desde as suas origens até os momentos atuais. Entretanto, nos últimos anos, houve uma guinada historiográfica para a trajetória de grupos religiosos que estiveram presentes em momentos históricos importantes e que foram simplesmente esquecidos por estes pesquisadores. Um desses grupos é o dos kardecistas, que no início do século XX detiveram o poder político da cidade, todavia estes não são citados em nenhuma obra de História que fala de Parintins (SOUZA, 2003; SAUNIER, 2003; CERQUA, 2009; BITTENCOURT, 2001), e só aparecem nas obras que falam sobre Anna Prado, médium que entre 1918-1923 espantou os moradores de Belém, no Pará, com sessões em que apareceram espíritos materializados, plantas germinadas, entre outros fenômenos mediúnicos, entretanto, a maioria dos habitantes de Parintins não sabe a existência de Anna Prado. Porém, a relação dos habitantes de Parintins com o mundo sobrenatural é uma característica que é encontrada nas cidades da região amazônica, como será explicado no decorrer do artigo.

O projeto vem dar uma nova perspectiva histórica à Parintins, pois refuta o ponto de vista católico da História de Parintins, onde a existência da elite espírita, que cita alguns nomes de políticos que chegaram ao cargo de prefeito, eram praticantes do espiritismo, mas que na historiografia tradicional aparecem como pertencente à maçonaria. Vem também colaborar para apresentar o pluralismo religioso da região amazônica, um aspecto que está sendo estudado há cerca de 50 anos.

Na primeira parte irá fazer uma discussão sobre o espiritismo como doutrina, enfatizando as primeiras investigações sobre os fenômenos mediúnicos na Europa e na América do Norte, citando o caso das irmãs Fox, e os primeiros estudos destes fenômenos. Também vai dar uma

discussão sobre a doutrina kardecista, que “originalmente” é um misto de ciência, filosofia e religião e um breve relato da reação da Igreja Católica.

A segunda parte fica reservada à uma discussão sobre a chegada do espiritismo em terras brasileiras, com a criação dos primeiros grupos espíritas, associações e instituições, as dissidências entre as diferentes instituições e a difusão da doutrina espírita em território brasileiro, as características que levaram o espiritismo a se tornar uma religião no país, da evolução no século XX e a posição da religião espírita hoje no cenário religioso do Brasil.

A terceira parte vai mostrar a trajetória dos kardecistas na região do Médio Amazonas, com enfoque especial em Parintins, onde se desenvolveu – se uma elite espírita que ficou no poder político da cidade, onde as sessões foram realizadas nas residências dos políticos daquela e também a reação da Igreja Católica, que tomou nome pelo padre Paulo Rucci, que desencadeou um movimento armado na Ilha Tupinambarana, também preencher as lacunas na trajetória do kardecismo no século XX, de como os grupos que existiram em Parintins conseguiram se manter em um cenário com a totalidade da população era católica e nos últimos anos também com a presença das igrejas evangélicas, protestantes e batistas no município e a Atuação hoje do Centro Espírita Anna Prado, fundado em 2008 e da maneira da presença do espiritismo hoje na cidade, levando em consideração os princípios básicos da religião.

O surgimento do Kardecismo

O espiritismo kardecista foi codificado por Hippolyte Léon Dénizard Rivail (1804-1869), pedagogo francês nascido em Lyon, entrou em contato com a questão dos espíritos ainda muito jovem, quando na Europa um dos assuntos mais comentados eram as chamadas “mesas girantes”, enquanto na América ficava famoso o caso das irmãs Fox, em Hydesville, Estados Unidos. Segundo Alice Lang, “a codificação foi elaborada em um momento histórico em que o pensamento científico estava dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo. A perspectiva evolucionista foi proposta por Charles Darwin em *A Origem das Espécies por meio da seleção natural*, lançado em 1859, que alcançou expressiva vendagem na época” (LANG, 2008 p. 174), mas tal questão não se limitava apenas aos campos letrados da Europa, nas travessas de Paris existiam cartomantes, adivinhos, videntes entre outros (DEL PRIORE, 2014 P. 99).

A perspectiva racionalista e evolucionista que Alice Lang contextualiza no período da codificação de Kardec, passa pelo espanto dos cientistas europeus quando se fala sobre as mesas

girantes, nos cafés e reuniões de intelectuais o assunto das mesas que se moviam e levitavam instigavam estes a realizarem pesquisas para provar que eram verdadeiras ou apenas uma farsa bem montada. Del Priore afirma que os primeiros registros de médiuns se apresentando nos teatros e para as cortes reais são com médiuns norte-americanos, ao qual afirma:

Quando e como o fenômeno cruzou o Atlântico? Como vimos, a partir do outono de 1852, os primeiros médiuns americanos começaram a chegar ao Velho Mundo, Eram mulheres, na maior parte, Até o termo médium era novo, Na França, usava – se ‘sonâmbula’ até então, A primeira parece ter sido Maria Hayden, que desembarcou na Inglaterra em outubro do mesmo ano, Embora apresentada como uma aventureira, ela impressionou figuras importantes como Robert Chambers [...] e o socialista Robert Owen, No ano seguinte nascia o primeiro jornal espírita inglês, The Spirit World [...]. O fenômeno se espalhou como água, da Inglaterra atravessou o Canal da Mancha, passou pela Prússia, cruzou o Reno, chegou a Áustria e à Rússia, até desembarcar na França, O impulso decisivo não veio, porém, da Inglaterra, mas da Alemanha, mais particularmente de Hamburgo e Bremen, grandes portos de emigração europeia na direção dos Estados Unidos (DEL PRIORE, 2014 p. 42)

Naquele contexto, Rivail estava dentro do assunto das mesas girantes, segundo Prandi, obras que estavam sendo publicadas a favor ou contra davam base para a formação de grupos de estudo e sociedades, muitos deles eram ligados à igrejas e movimentos religiosos (2012, p. 35). Ele havia sido formado na escola do pedagogo suíço Herni Pestalozzi, sendo influenciado pela investigação científica, passou a se interessar pelo assunto das mesas girantes quando se mudou para Paris, onde fundou uma escola de estudos pestalozzianos, e anos mais tarde foi contador de um teatro, de onde partiu o interesse pelo sobrenatural (DEL PRIORE, 2014 p. 44).

Em 1855, começou a participar de sessões feitas por sonâmbulos e magnetizadores, entrevistando – os com perguntas que eram respondidas pelos espíritos presentes nos médiuns, dois anos mais tarde verificou – se que as percepções de Rivail sobre a existência de espíritos mudou completamente, como afirma Doyle: “As instruções assim transmitidas constituem uma teoria inteiramente nova da vida humana, do dever e do destino, teoria esta que se me afigura perfeitamente racional e coerente, admiravelmente lúcida e consoladora, além de profundamente interessante” (2013, p. 430). Del Priore afirma que ele percebeu a possibilidade de uma nova lei sobre o conceito de alma e da maneira que se comporta no pós-morte (2014, p. 44), nos anos antes da publicação do *Livro dos Espíritos*, ele rebatia as críticas dos cientistas sobre os fenômenos envolvendo entidades sobrenaturais, afirmando que não bastava apenas a ciências para compreender tais processos, que ciência e os fenômenos eram complementares, e o que lhe importava era a

criação de métodos para uma entender de maneira própria o que denominava “ciência espírita” (2014, p. 45).

A codificação da doutrina espírita feita por Rivail (que depois adotou o nome de Allan Kardec, que teria sido o seu nome em uma reencarnação como sacerdote druida) foi iniciada com a redação do *Livro dos Espíritos*, em 1857, sendo logo um grande sucesso de vendas. Mas tal sucesso não ocorreu sem a reação da Igreja Católica, que reagiu queimando exemplares do livro de Kardec que estavam sendo enviados à Barcelona, em 1861, chamado pelo sugestivo nome de “Auto de Fé de Barcelona”, e incluiu as obras dele no *Índex* de obras proibidas (SOUTO MAIOR, 2015 p. 247), mas Kardec não se intimidou e publicou as outras obras do chamado Pentateuco espírita, o *Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese, os Milagres e as Predições* (1868), todas estas obras vem responder as perguntas sobre o mundo espiritual e as capacidades mediúnicas.

Lang afirma que a doutrina espírita é um misto de ciência, filosofia e religião (LANG, 2008 p. 174), mas alguns autores espíritas defendem o lado filosófico, deixando o lado religioso como “vulgar”. Nas palavras de Kardec “O espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações. O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos, e de suas relações com o mundo corporal” (KARDEC, 2003 p. 200). Kardec tinha formação científica e usava esta influência em seus escritos, como mostra esta passagem: “Apliquei a esta nova ciência, como tinha feito até então, o método da experimentação; nunca elaborei teorias preconcebidas: eu observava atentamente, comparava, deduzia as consequências” (KARDEC, 2013 p. 123).

Com a codificação da doutrina e a notoriedade dos fenômenos mediúnicos, o espiritismo se espalhou pela Europa, mais especificamente nos meios acadêmicos, onde a discussão sobre a existência de um mundo espiritual ganhava novos rumos. Muitos artigos ora defendendo ora refutando a nova doutrina, mesmo com as críticas negativas, a doutrina se espalhou pela Europa e América do Norte, com a criação de associações e federações espíritas e que investigam os fenômenos mediúnicos. Logo estes fenômenos chegariam ao Brasil, onde ganhariam novas influencias e se tornaria o que os espíritas chamam de “lado vulgar” da doutrina kardecista. Naquela época, a

Europa viva um auge do saber científico, com o uma chamada morte das religiões postulada por vários filósofos, o que os pesquisadores atuais não concordam.

Com a consolidação do espiritualismo na Europa pós – codificação, as posições daqueles que passaram a defende-lo, passou a se criar as características próprias em vários países, nos países latinos e na França, teve a influência dos princípios de Kardec, conforme afirma Doyle (2013, p. 429) e que as posições deles se basearam nas pesquisas nesses países, Doyle dedica um capítulo inteiro aos casos alemão, inglês, francês e italiano, discutindo como estes determinam as discussões sobre os princípios codificados por Kardec. Na França, discute as investigações de Kardec até a divulgação do *Livro dos Espíritos* e de suas obras, da fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a revista de publicação espírita *La Revue Spirite*, cuja publicação prosseguiu após a sua morte. Na Inglaterra, há um debate sobre a reencarnação comentada no *Livro dos Espíritos*, onde médiuns e intelectuais discutem tal existência, no caso alemão, ele cita os chamados pioneiros na pesquisa espírita naquele país, com as investigações sobre a dissociação de corpo e espírito, com o decorrer do século XIX, os objetos de pesquisas foram os médiuns e mágicos no qual ele cita sobre o trabalho do Carl du Prel, onde o autor afirma que:

não tratou propriamente do Espiritualismo, mas das forças latentes no ser humano, dos fenômenos do sonho, do transe e do sono hipnótico, Contudo, em outra obra, intitulada Um problema para mágicos, ele apresenta minucioso e fundamentado relato das etapas que o levaram à convicção plena sobre as verdades do Espiritualismo (DOYLE, 2013 p. 440).

Na Alemanha, houve a oposição ao movimento, na pessoa de Eduard Von Hartmann, que redigiu a *A Filosofia do inconsciente*, onde rebate os discursos do Espiritualismo, na obra de Doyle, ele discute que os escritos de Von Hartmann não tem relatos com médiuns, o que segundo o autor, desqualifica a sua obra (2013 p. 443), no que trata de médiuns, um nome que Doyle cita é o de Frau Anna Rothe, contando sobre suas faculdades mediúnicas e o processo que sofreu acusada de trapaça em 1902, no contexto da edição do livro de Doyle, haviam dois nomes que estavam se sobressaindo no cenário das pesquisas espíritas, o Dr. Schrenck Notzing, de Munique e de Hans Driesch, professor de Filosofia da Universidade de Leipzig (2013, p. 444). Quando trata do espiritualismo italiano, o autor trata da oposição da Igreja Católica, com a perseguição aos adeptos da doutrina, quanto aos nomes importantes, ele afirma que “destacam-se o de Manzini – espiritualista do tempo em que o Espiritualismo estava em seus primórdios – e seu companheiro Garibaldi, presidente de uma sociedade psíquica” (2013, p. 445), e de grandes médiuns, ao qual é citado

Eusápia Palladino, e dos pesquisador dos fenômenos mediúnicos Ernesto Bozzano (ibidem p. 448).

O espiritismo nos trópicos e sua historiografia

A doutrina codificada por Allan Kardec chegou ao Brasil na década de 1860, segundo declaram as fontes (DEL PRIORE, 2014 p. 53; ARRIBAS 2008 p. 39), mas já era mencionada em jornais do Rio de Janeiro e Recife alguns anos antes. No ano de 1860, a colônia de imigrantes franceses na capital do Império, Rio de Janeiro, com uma publicação voltada para o lado político, já que seus integrantes eram contrários ao imperador da França (naquela época era Napoleão III e tinha como grande aliado a Igreja Católica, que era contra todos os outros tipos de cultos), Célia Arribas afirma que o caráter religioso do espiritismo foi deixado de lado, sendo mais vinculado à uma revolução social (ibidem).

Arribas defende que ao chegar no Brasil, o espiritismo ganhou características de acordo com o contexto social do Brasil Império, como ela afirma nesta passagem:

É importante aqui observar as afinidades entre o espiritismo e o socialismo e entre o espiritismo e o feminismo, são combinações de tradições culturais bastante específicas da França, mas o que não ocorre no Brasil da mesma época. A resposta certamente não está nos trabalhos que tomam o espiritismo como uma totalidade, independentemente de seus atores. Abandonando esta perspectiva, torna-se mais fácil compreender porque o espiritismo no Brasil teve forma, direção e sentido diferentes segundo os repertórios aqui disponíveis (ARRIBAS, 2008 p. 42).

Segundo Arribas a criação dos primeiros grupos espíritas se concentrava em famílias. Os contatos que estas faziam com espíritas na França permitiram que as sessões fossem realizadas sem a repressão da Igreja Católica. Nesta época, a capital dos grupos espíritas era Salvador, apesar dos esforços de criação de grupos no Rio de Janeiro. Nesta primeira fase aparece o nome de Luís Olímpio Telles de Menezes, o pioneiro no movimento espírita no Brasil, residente em Salvador. Foi redator e diretor em vários periódicos na época, sendo que sua empreitada na carreira não deu frutos, indo para o *Conservatório Dramático da Bahia*, onde teve contatos com as tendências filosóficas que vinham de além-mar, mais especificamente da França, o que apresentou à Telles de Menezes ao espiritismo, chegando até mesmo a ter correspondência com o Allan Kardec, ainda quando usava o nome verdadeiro. Logo depois publicou um opúsculo em que ele traduzia algumas passagens de Kardec e que uma epígrafe que dizia “*fui o primeiro na Bahia que, fervorosamente esposou a doutrina espírita*” (ARRIBAS, 2008 p. 46).

Como consequência, a elite intelectual da Bahia se reuniu e criou o primeiro periódico espírita em terras brasileiras, o *Jornal Êcho do Além-Túmulo*, em 1869, sendo impresso em Salvador, na tipografia do jornal *O Diário da Bahia*. A partir daí, a difusão do espiritismo pela classe intelectual seria um fenômeno que estaria presente nas capitais das províncias do Império, como mostra Mary Del Priore: “Nas elites, buscava-se uma espiritualidade reflexiva e interiorizada, que militares, profissionais liberais e intelectuais encontravam no Kardecismo” (DEL PRIORE, 2014 p. 163). Mas os fenômenos mediúnicos não estavam presentes apenas nas classes intelectuais, assim como na França de Allan Kardec, estavam presentes todos os tipos de videntes, cartomantes, adivinhos entre outros, mas em terras brasileiras, as crenças indígenas e africanas já tinham algumas semelhanças com a doutrina de Kardec, e de certo modo se misturaram com a doutrina, como a mesma autora mostra:

No Brasil, desde sempre, as crenças populares misturaram o culto dos santos católicos aos rituais de origem indígena ou africana. Mas, nos meios intelectuais e burgueses, preferiam-se respostas buscadas nas doutrinas constituídas ‘cientificamente’ (DEL PRIORE, 2014 p. 49).

Na análise da autora, a crença nos espíritos se diferenciava pelas classes sociais, pois a maioria da população acreditava nas crenças indígenas e africanas, enquanto a elite ia à procura de alguma base científica, como era o caso do espiritismo (ou espiritualismo, como era chamado naquela época), que ainda estava no início, mas que havia se expandido pela Europa, América do Norte e aqui no Brasil. A construção dessa elite foi resultado de uma aproximação entre as crenças nos espíritos e as ciências, pois no século XIX, iniciaram as pesquisas que abordavam este tema. Quando chegou no Brasil, esta “ciência espiritualista” encantou as elites imperiais (que estavam em transição para a República). Mas também chegou às classes baixas da população imperial, pois os médiuns receitistas eram considerados curandeiros, como mostra a matéria sobre o espiritismo da Revista de História da Biblioteca Nacional:

A crença trazida da Europa se mostrava capaz de articular, à sua maneira, erudito e popular, elite e povo: o médium era pouco qualificado, mas a entidade que se manifestava pertencia uma profissão prestigiada. Do mesmo modo, as práticas pouco diferiam de outras formas populares de busca por cura, mas sua explicação apelava para termos cultos e teorias sofisticadas. Era uma ‘fé raciocinada’ (GUIMBELLI, 2008, p. 15).

No final do século XIX, o momento no campo religioso no Brasil era de uma perda na hegemonia da Igreja Católica, o que é apontado por Cândido Procópio de Camargo (1961), isso

quando fez análises nos censos dos anos 1930, mesmo com essa distância temporal, pode se perceber que tal fenômeno é visto. No que tange ao momento que é citado acima, há uma característica que é analisada pelos pesquisadores que trabalharam com o assunto, que seria as nuances do hibridismo que houve entre o espiritismo que foi trazido da França, com as crenças afro-indígenas, fenômeno que é verificado por vários pesquisadores do campo religioso (AUBRÉE; LAMPLATINE, 1990; LEGOW, 2000, 2004; STOLL, 2009), e ainda se verifica uma oposição feita pelos protestantes, que estavam surgindo no cenário religioso no país.

Os órgãos de resposta católica ao dilatamento do espiritismo e de outras religiões estavam preocupados com tal expansão, no caso da Bahia, foi uma *Pastoral* lançada pelo bispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira em 16 de Junho de 1867, entretanto, na análise de Célia Arribas, foi a reação da Igreja que, de uma certa maneira, colaborou com a expansão do kardecismo no Brasil, segundo a autora:

Filosófico, científico e religioso desde o seu começo, o espiritismo ainda não tinha se definido como uma religião no Brasil até aquele momento, muito embora contivesse em si a possibilidade de vir a sê-lo, já que uma de suas definições é a religiosa (ARRIBAS, 2014, p. 37).

Já na primeira metade do século XX, as crenças mediúnicas estavam em franca expansão pelo país, e ainda com a perda do monopólio religioso da Igreja Católica (com a proclamação da República), os censos da década de 1930 mostram que as crenças mediúnicas (Kardecismo e Umbanda) já tinham uma certa parcela no cenário religioso da época (levando em consideração os fatores políticos e históricos do Brasil naquela época), mesmo com uma oposição atuante da Igreja Católica e das instituições protestantes, os grupos se mantiveram em atividade, ainda centrados em famílias, mas já com instituições formadas (como o exemplo da Federação Espírita Brasileira), nos anos seguintes, os movimentos de tais instituições já eram conhecidos por uma grande parte da população brasileira e se consolidava como uma religião com características brasileiras.

Tais características passam pela unificação das associações e federações espíritas existentes no país naquela época (em 1904, existiam três federações espíritas a do Rio Grande do Sul fundada em 1887, a do Amazonas de 1901 e do Paraná criada em 1903), com a morte de Bezerra de Menezes em 1900, coube a seu sucessor na presidência da Federação Espírita Brasileira, Leopoldo Cirne (1870-1941) a fazê-la, iniciou com mudanças no estatuto da Federação, com o estudo obrigatório das obras de Kardec, o que acabou gerando o efeito contrário a que ele tinha por objetivo, a ele também é creditado a construção da sede da FEB, que conforme Arribas, foi o marco

de sua gestão (2014, p. 50), depois foi considerado como continuador da obra de Menezes, o que lhe deu a alcunha de “Leon Dennis brasileiro”. No decorrer do século XX, houve a tão almejada unificação das instituições, com o pacto áureo, em 1949, quanto a formação deste, Pereira explica que “é composto pelo presidente da FEB, que o preside, e por um representante de uma instituição federativa de cada estado, sendo até hoje a representação do Movimento Espírita Brasileiro” (2014, p. 186) e a ascensão do médium Chico Xavier (1910 – 2002)

A presença em terras Amazônicas

A cidade de Parintins era pequena e em quase sua totalidade católica, entretanto, com a influência do movimento espírita que crescia em Manaus, coube à família Rebello ser a pioneira na Ilha Tupinambarana. Segundo o pesquisador do espiritismo Samuel Nunes Magalhães (2012 p. 37), depois a fundação de várias instituições espíritas na capital do Amazonas (naquela época, o termo instituição era ligado aos grupos familiares que eram criados nas capitais), a família Rebello iniciou a instituição do Kardecismo em Parintins. Os principais personagens deste início foram Emilianio Olympio de Carvalho Rebello e Jovita Olympio de Carvalho Rebello. Estes eram servidores do serviço público federal e sofreram todo tipo de críticas por parte da sociedade de Manaus por sua crença, fundou sociedades e jornais de divulgação espíritas no Amazonas, como o *Mensageiro*, fundado em 1904 em Manaus.

Em Parintins, o marido de Anna Prado, Eurípedes de Albuquerque Prado, foi requisitado no cargo de Superintendente Municipal, que seria hoje o cargo de prefeito, entre 1911 e 1913. Em 1907 foi criado o Grupo Espírita Amor e Caridade, que tinha como secretário, Eurípedes de Albuquerque Prado, que seria a mesma pessoa. A propaganda espírita no Médio Amazonas ficaria por conta do periódico *O Semeador*, que teve sua primeira edição em julho de 1907. Pelas pesquisas de Magalhães, a sociedade parintinense tinha uma parcela espírita, que não é apresentada na literatura que usada como os pilares na História de Parintins, citando os livros de D. Arcângelo Cerqua (2009), Tonzinho Saunier (2003) e Tadeu de Souza (2003).

O que se pode perceber é que a sociedade amazonense (e por consequência), a parintinense, tiveram um contato com o espiritismo, pois aqui se desenvolveu uma elite espírita, que deteve o poder na Ilha Tupinambarana por um tempo, mas não sem uma forte oposição, por parte dos católicos. É relatado movimento do “mata – judeu” em 1921, que iniciou-se no Paraná do Ramos e Andirá, e chegou ao município, sendo necessário o uso de força policial vindo da capital

(o tal relato veio do livro de Ettore Brosio *O Trabalho dos Mortos*, de uma das sessões de Anna Prado em Belém, sendo que alguns dias depois uma carta remetida à médium no dia 31 De Janeiro de 1921, sendo que as fontes referentes aos kardecistas na Ilha Tupinambarana (pelo menos em fontes documentais) tem uma lacuna de relatos referentes aos kardecistas, sem mesmo alguma menção nos jornais e periódicos da época.

Todavia, em relatos feitos por algumas pessoas dizem respeito a grupos que existiram entre o final dos anos 1970, e a inauguração do Centro Espírita Anna Prado, ligados à personagens da história política do município, estando de fora da historiografia tupinambarana, sendo que até o presente momento este relatório é a única pesquisa que está sendo feita sobre o tema.

Breves e primeiras conclusões

Este trabalho teve como foco trabalhar a trajetória dos kardecistas em Parintins, evidenciando que a presença dos kardecistas na região Norte, tomando como caso a cidade de Parintins, no interior do Amazonas, com base nos arquivos que foram encontrados ao longo da pesquisa, fica explícito a presença de adeptos das crenças mediúnicas (no caso o kardecismo) em um período que a historiografia tradicional, que a tomou como a história oficial da cidade, deixou a trajetória da família Rebello como a pioneira da nova religião em terras amazônicas, mesmo com a oposição católica, o grupo se consolidou na elite política da cidade, dando uma trajetória que é contada transmitida a partir de um outro olhar.

Tal fenômeno não é exclusividade de Parintins, pois a divulgação do kardecismo pelo Brasil seguiu pelo *modus vivendi*, desde a sua chegada ao Brasil, com sus adeptos centrados nas elites imperiais e republicanas, buscando uma crença que se baseasse em métodos científicos. Não à toa, o próprio espiritismo se baseia como uma ciência, doutrina filosófica e religião, o que deixa satisfeito as demandas de tais elites, como foi analisado pela historiadora Mary Del Priore quando estudou a trajetória do espiritismo e das crenças sobrenaturais no Brasil do século XIX.

No tange ao trabalho, o principal objetivo era evidenciar que existiu um pluralismo religioso em Parintins, quebrando a visão de que no início do século XX, quando se acreditava que a cidade era totalmente católica, que controlava os aspectos político e social, houve uma elite que tinha como sua crença o espiritismo, e que esteve ligado aos acontecimentos políticos da época, que nas entrelinhas, contribuiu com o desenvolvimento da cidade naquela época.

Com o desenvolvimento do trabalho, ficou claro que o espiritismo ganhou as caracterís-

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

ticas que tem hoje por se adaptar aos fatores sociais que o influenciaram em sua trajetória no Brasil, com as elites e grupos familiares, e depois com as instituições, o espiritismo se mostrou persistente e que hoje se faz a fama de o Brasil ser o maior país espírita.

Referências Bibliográficas:

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, o Espiritismo é religião?** A Doutrina espírita na formação da diversidade religiosa. Dissertação (mestrado em Sociologia). São Paulo: USP, 2008.

_____. **No Princípio era o Verbo:** Espíritas e Espiritismos na Modernidade Religiosa Brasileira. Tese (doutorado em Sociologia). São Paulo: USP, 2014.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de Fé no Médio Amazonas**. 2º ed. Parintins: Gráfica João XXIII, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**. A história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

DOYLE, Sir Arthur Conan. **A História do Espiritualismo:** de Swendenborg ao início do século XX. Trad. de José Carlos da Silva Silveira. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

EVANGELISTA, Sheila Izoete Mendes. **O Arraial do Espiritismo:** a médium Anna Prado, positivistas, espíritas e católicos em Belém (1918-1923). Dissertação (mestrado em História). Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

GIUMBELLI, Emerson. “Heresia, doença, crime e religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais”. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v. 40, nº 2, 1997.

_____. “Kardec nos Trópicos”. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: BN, ano 3, nº 33, 2008.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Espiritismo no Brasil”. In: **Cadernos CERU**. São Paulo: CERU-USP, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008. pp. 171-185.

_____; JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **Espiritismo progressista:** Pensamento e Ação de Rino Curti. São Paulo: Editora Conex, 2005.

LEWGOY, Bernardo. “A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: Uma discussão inicial. In: **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, v. 28, nº 1, 2008.

_____. “Representações de ciência e religião no espiritismo Kardecista: Antigas e novas configurações” In: **Revista Civitas**. Porto Alegre, v. 6. nº 2, 2006.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

_____. “O Livro Religioso no Brasil Recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos”. In: **Revista Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre: ano 6, n. 6, 2004.

_____. “Secularismo e Espiritismo nas Ciências Sociais: discutindo os resultados da UFRGS”. In: **Debates do NER**. Revista do Núcleo de Estudos de Religião. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, nº 2, 2001.

_____. “Incluídos e letrados: reflexões sobre o a vitalidade do espiritismo Kardecista no Brasil atual”. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, Editora Vozes, 2006.

_____. “A contagem do rebanho e a magia dos números: Notas sobre o espiritismo no Censo de 2010”. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MAGALHÃES, Samuel Nunes. “A excepcional mediunidade de Anna Prado”. In: MONTEIRO, Eduardo Carvalho (org.). **Anuário Histórico Espírita**. São Paulo: Madras: União da Sociedade Espírita, 2004. pp. 103-128.

_____. **Anna Prado. A mulher que falava com os mortos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2012.

MONTE, Maria Lúcia. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira**. São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012.

PAIVA, Alessandra Viana. **Espiritismo e Cultura Letrada: valorização do estudo pela doutrina kardecista**. Dissertação (mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: UFJF, 2009.

PEREIRA, Alexandre. “O Espiritismo e o Censo”. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). **O Censo e as Religiões no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Religiões no Brasil”. In: BOTELHO; André; SCHWARCZ, Lilia Motriz (org.). **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direito**. São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012.

PIRES, Pedro Stoeckli. “Nascer, morrer, renascer: O Espiritismo à luz das Ciências Sociais”. In: **Revista Três Pontos**, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Os mortos e os vivos**. Uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2012.

REIS, Arthur César Ferreira. **Origens de Parintins**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1967.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

SANTI, Alexandre de; SCHRÖDER, André. **Chico Xavier: A Vida, A obra, As Polêmicas**. São Paulo: Editora Abril, 2016.

_____.; LISBOA, Sílvia. **Cura Espiritual: uma investigação**. São Paulo: Editora Abril, 2015.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos**. Manaus: Editora Valer/ Secretaria de Estado de Cultura. 2ª Ed, 2003.

SOUTO MAIOR, Marcel. **Kardec**. A biografia. 7º ed. São Paulo: Record, 2015.

_____. **As vidas de Chico Xavier: Biografia definitiva**. São Paulo: Editora Leya, 2010.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. “Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação”. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: USP, vol. 18, n. 52, 2004. pp. 181-199.

_____. “Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil”. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v. 45, n. 02, 2002. pp. 361-402.

VANNUCHI, Maria Lúcia. “Um olhar sociológico sobre o espiritismo: Trajetórias, idéias e práticas”. In: **Revista de Estudos Sociais**. Araraquara: UNESP, vol. 18, nº 34, 2013.